

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Maria da Conceição

registada em 2009-02-02
por

Hugo Pereira e Joana Ribeiro

Maria da Conceição

Maria dos Anjos ou Tia dos Anjos é o nome pelo qual é conhecida Maria da Conceição, nome de registo, tem 96 anos, nasceu a 20 de Setembro “num casal onde chamam ao Pau. Mas é Benfeita.” O pai era moleiro e a mãe trabalhava no campo. “Tínhamos fazendas e trabalhávamos lá.” Da casa da infância recorda que era de pedra, mas “não era uma casa grande nem bonita. Era uma casita pequena.” Por ser rapariga tinha um quarto só seu, “só eu dormia sozinha”. Os irmãos tratavam-na muito bem “quando iam comprar um vestido ou uma roupa qualquer, compravam-me do que era bom”. Do seu casamento recorda com orgulho que o seu “marido era o homem mais gabado cá na Benfeita. Não havia cá outro como ele, religioso e tudo”. Maria dos Anjos sempre trabalhou no campo “tinha olivais, tinha cabras, tinha ovelhas, tinha galinhas, tinha porco... Tinha muitos animais e quintas com oliveiras”.

Índice

Identificação Maria da Conceição.....	4
Ascendência Moleiro e lavradora.....	5
Casa "Só eu dormia sozinha".....	7
Infância "Fui feliz, graças a Deus".....	7
Educação "Eu aprendia bem".....	10
Casamento "O homem mais gabado cá na Benfeita".....	11
Ofício "Trabalhava no campo".....	14
Pessoas Doutor Urbano e poeta Simões Dias.....	15
Lugar Do tempo dos mouros.....	16
Costumes Poemas e tradições.....	22
Religião Comunhão e romarias.....	26

Identificação *Maria da Conceição*



Maria da Conceição, a neta Maria da Graça (à esq.) e a filha Alda (à dta.)

O meu nome é Maria da Conceição. Não tenho outro! Mas ainda hoje só me chamam Maria dos Anjos. Muita gente. Só há aí uma que me costuma chamar Conceição. As outras é Tia dos Anjos, porque se habituaram de pequenitas a chamarem-me assim. Mas o registo de nascimento é que manda. Quando eu me casei, foram lá, correram o livro todo e não encontraram nenhuma Maria dos Anjos. Até que lá foi um que se formou em médico. E o do Registo disse assim para ele:

- "Olhe, corra lá o senhor o livro, porque cá não há nenhuma Maria dos Anjos."

E o homem correu o livro e quando viu estava assim escrito:

- "Maria da Conceição, filha de Maria da Conceição e de António José" - que era o nome dos meus pais. Eram duas testemunhas que ali estavam naquele nome.

Diz ele assim:

- "Aqui está ela! O que não está cá é Maria dos Anjos. Está Maria da Conceição."

Quando eu fui fazer o meu Bilhete de Identidade a Arganil, a minha salvação foi eu já saber que era Maria da Conceição. Fi-lo com toda a facilidade. Cheguei lá, apareceu-me uma menina e diz ela assim:

- "Donde é a senhora?"

- Eu sou da Benfeita.

- "Como se chama?"

- Maria da Conceição.

Abriu o livro, encontrou logo a Maria da Conceição. Se fosse para lá dizer que era Maria dos Anjos, não estava lá! E não me arranjavam o Bilhete de Identidade. Era preciso muitas voltas. Isto é o que é verdadeiro. Isto é o que se passou. Digo assim:

- Olha, o eu já saber que era Maria da Conceição foi o que me valeu. Pois...

Nasci lá abaixo num casal onde chamam ao Pau. Mas é Benfeita. Não valia a pena estar a trocar. Não pus lá Pau nenhum. Faz de contas que nasci na Benfeita. Baptizaram-me na Benfeita, casei-me na Benfeita e, se Deus quiser, se eu morrer cá, também é o meu enterro, é tudo! Havia aqui um homem que era Zé Gomes. Era engraçado. Quando cá andava, às vezes, nos bailes, dizia assim:

- "Eu não sou da Benfeita! Eu sou do Pau!" - porque ele nasceu também ao Pau.

Eu, às vezes, digo assim:

- Olha, eu sou da terra do Zé Gomes. Ele nasceu ao Pau. Eu também nasci ao Pau.

Mas isso é a dizer. O que está escrito é que vale!

Quando nasci é que não sei... Então, não falava, não sabia nada... Ai, isso não posso saber. Do nascimento não posso saber nada. Sei que já tenho 95 anos! Vou fazer 96, dia 20 de Setembro.

Ascendência Moleiro e lavradora

O meu pai era moleiro. Agora já não há. Moía para fregueses. Eles é que moíam lá o grão: milho, centeio, trigo. Nalguns lados, havia muito trigo. Trigo, milho, centeio e tudo que era de cereais, moía-se naqueles moinhos. Depois, a gente aproveitava a farinha. O moinho era dele. Ultimamente, já era dele. Era no Pisão, ali na água das meias. Comprou lá.

"Raio do Rafeirito"

O meu pai tinha um criadito - chamava-o o Rafeirito - e levava-o com ele. Um dia, ia maldispósito "pia baixo"¹, não sei se chegou a vomitar se quê. O criadito julgava que ele que tinha bebido aguardente. Dizia assim:

- "Porra! Que você hoje chegou-lhe!"

Querida dizer que ele que tinha bebido muita aguardente. E ele sempre:

- "Raio do Rafeirito!"

"Palhaçadas do Carnaval"

Aparecia lá em casa dos meus pais, quando era pelo Entrudo, um irmão meu. Era o Urbano. Ia lá para o pé dos avós. Gostava de lá ir ouvir o que os meus pais diziam. E depois, combinavam um com o outro, o meu pai e o meu irmão:

- "Olha, dia de Entrudo, tu vais de preto. És mulato ou preto. E eu levo-te preso com uma corrente. Tu és este e eu sou este."

Lá dizia os nomes daquilo. Era muito amigo de ir lá para o pé do avô e da avó, porque se ria com ele. Estavam a falar naquelas palhaçadas do Carnaval, do Entrudo, e depois riam-se assim um com o outro. Era assim.

A minha mãe trabalhava no campo. Tínhamos fazendas e trabalhávamos lá. Tínhamos muito renovo para comer, porque trabalhávamos. Criávamos uns porcos assim grandes, gordos. O meu pai era moleiro, tinha muita farinha. Aqueles porcos eram bem tratados e eram uns porcos grandes. Às vezes, havia anos que até matávamos aos dois. Outras vezes, matávamos um. Um ano, venderam um e compraram uma máquina de costura da marca Singer, que era a marca melhor que havia naquela altura. Quando matavam os que lá tinham, assim velhos do outro ano, já tinham lá outros dois. Quando vinha o outro ano, tinha tempo de os matar. Já tinham feito um ano. Não eram daqueles pequenitos, eram uns porcalhões grandes. Tínhamos muita carne e muito enchido. Tínhamos cabras e ovelhas e fazíamos muito queijo. E foi assim a vida. Trabalhar por ali fora.

¹ por aí abaixo

Casa "Só eu dormia sozinha"

Primeiro, nós vivíamos cá no povo. Os meus pais tinham aqui uma casa. Era feita de pedra. Até amassavam barro para fazerem aquelas paredes. Não era uma casa grande nem bonita. Era uma casita pequena. Bem, mas a gente cabia lá. Naquela altura, aquelas casitas não eram boas. Não eram prédios. Eram pobres, no tempo. Não havia dinheiro, não tinham dinheiro. Agora é que são casas boas.

Depois, o meu pai comprou uns moinhos ali em baixo. Quando eu era criança, a minha casa era adonde estivesse o meu pai. Então, ele era moleiro. Aonde ele estivesse, estávamos a gente. Dormia lá donde tinha as moendas. Tinha lá o andar de cima. Por baixo, era donde andavam a andar as pedras a moer. E por cima era o andar, a casa, onde tinham uns quartos. Eu tinha um quarto meu, porque era só eu de rapariga. Só eu dormia sozinha. Não tinha medo. Havia lá mais outro quarto. Os meus irmãos já dormiam aos dois. Muitas vezes, o meu pai até ficava lá baixo, nos moinhos. De noite, às vezes, acabavam e não tinham grão. Andava à roça e não era bom. Às vezes, lá ficava.

Infância "Fui feliz, graças a Deus"

De rapariga, era só eu. Fui sempre muito bem criadinha. Sempre, sempre. Fui feliz, graças a Deus Nosso Senhor. Os meus irmãos não me batiam. Era só eu de rapariga, mas eles não me batiam, nem me podiam tratar mal nem nada. Eu era bem tratada, ensinada. Pois era. E quando iam comprar um vestido ou uma roupa qualquer, compravam-me do que era bom.

Eu tinha umas ideias muito lixadas. Dava-me para ir fazer isto, para fazer aquilo. Era a minha ideia. Eu não sabia. Fazia as coisas. Ninguém me ralhava, porque eu era garotita. Ninguém me dizia "Ó menina, vai ao mato" ou "Ó menina, vai buscar a lenha". Era pequenita, baixita.

"Como é que eu agora roço o mato?"

Sem ninguém me mandar, peguei numa corda e numa roçadoira e fui para o mato, que era perto de onde a gente vivia. Cheguei em cima ao mato, pus-me assim a olhar, digo:

- Oh! Então, mas agora eu não sei roçar mato, nunca vi roçar mato, como é que eu agora roço o mato?

Pus-me a olhar para o mato, mas não sabia como o havia de roçar. Que é que eu fiz? Comecei a juntar uma carumita. Mas não sabia fazer a paveia, porque era preciso fazer uma paveia para se pôr na corda para depois se segurar. Juntei a caruma, fiz a paveia, pu-la na corda, vou para pegar no molhito da caruma, era só a caruma junta, "esternicou-se" por mim abaixo. Fui-me embora para casa sem nada. Eu não sabia. Era garotita. Ninguém me mandava. Era eu que ia assim. Dava-me para aquilo.

"Quanto mais cortava, mais mal ele parecia"

Eu tinha um irmão mais novo do que eu. Digo assim:

- Ó Artur, tu trazes o cabelo grande.

Comecei-lho a cortar assim "pia além"². Quanto mais cortava, mais mal ele parecia. Mas como ele usava um barrete, punha-o na cabeça. O meu pai nem sabia que eu lhe tinha andado a cortar o cabelo, mas cortei-lho.

"Os borregos são chatos de tosquiarem"

Doutra vez, estava a tosquiar um borrego, um filhito de uma ovelha. Os borregos são chatos de tosquiarem. Sem ninguém me mandar, vou-me pôr a tosquiar o sacana do borrego. Eu trazia de tarde duas mulheres. Andavam de fora a ganhar o meio dia. Iam trabalhar para a gente e a gente pagava-lhe meio dia. Era para irmos lá para uma fazenda que a gente lá tinha mais para baixo. Digo assim:

- O raio do borrego não o consigo tosquiar! Daqui a nada, chegam cá as mulheres para irmos fazer o meio dia e eu com o borrego por tosquiar.

Mas "bumba" dum lado, "bumba" do outro, tosquei-o ainda antes de chegarem. Quando chegaram, já eu tinha tosquiado o borrego. Era tudo assim.

"Atirei uma para a água sem querer"

Quando eu andava na escola, que era no Areal, havia lá umas mimosas brancas. A gente agarrava-se àquela ranca e dizia assim:

- "Empurra-me"!

²por aí além

E quem estava na estrada empurrava e a gente ia por além. Ia agarrado à árvore "pia além"³, mas tornava a vir. Dava-se um empurrão, ele vinha outra vez para aquém. Um dia, um rapaz disse assim:

- "Empurra-me!"

Deu-lhe um empurrão, mas ele não se agarrou bem ou não sei e foi para o meio da água. Molhou-se todo. Teve um dos que andavam na escola que lhe emprestar um fato para ele se vestir.



Maria da Conceição e o irmão Artur, nos tempos de solteira (1920)

Outro calhou ser um rapaz e uma rapariga. O raça da rapariga dá um empurrão ao rapaz, ele também não estava bem seguro lá naquilo e "zumba" para lá para baixo, para o poço da água. Molhou-se todo. Tiveram que o levar para modo de lhe emprestarem uma roupa, que ele não era de cá da Benfeita, mas vinha para cá para a escola. Andavam cá na escola uns do Sardal, outros dos Pardieiros. Depois, foram para outros lados, mas naquele tempo só havia escola aqui na Benfeita.

³por aí além

Eu também atirei uma para a água sem querer. Ela disse assim:

- "Puxa-me!"

Eu puxei. Dei-lhe um puxão, "bum"! Ela não se segurou, foi para a ribeira. Foi para a ribeira! Molhou-se toda! Mas era cá da Benfeitá, foi vestir-se. Foi tirar o fato e vestir outro. Eu era rapariga e a que eu atirei assim "pia além" também era e ninguém me disse nada. Ficou tudo bem.

Educação "Eu aprendia bem"

Na minha casa, parte deles nem chegaram a ir para a escola. Não os mandaram. Alguns aprenderam com outros cá. Mas a mim - foi mais tarde, já era mais novita - mandaram-me e fui para a escola. Fui para a professora. Devia andar dois anos na professora a fazer a primeira e a segunda classe. Depois, andava os outros dois - terceira e quarta - num professor no Areal, na escola do Areal. Fui para a escola, fiz a primeira e a segunda no primeiro ano. Ficaram logo aquelas duas arrumadas. Passei logo para a terceira. No segundo ano, já tive que ir para o Areal. Eu aprendia bem. Aí o meu irmão não aprendia. E era meu irmão. Uns aprendem bem e outros não, mas eu aprendia bem. Tinha memória. Agora, os estudos são diferentes, já não são como eram os do nosso tempo. Eu sei por um bisneto que tenho. Vinha cá, às vezes, quando estava de férias, com os deveres dele, com a História, com os livros, trazia e eu via. A gente, agora, com estes já não dá tão bem como era.

"Uma caixinha para meteres as lágrimas"

Havia uma rapariga da minha idade, que já sabia ler e escrever. Eu ainda não tinha ido para a escola. Depois é que fui e ainda fui agarrá-la. Quando dávamos História, eu dizia-a como quem diz uma cantiga, mas ela na História não dava, porque aquilo era preciso dizer de cor e ela de cor não sabia... O professor batia-lhe e ela chorava. Ele dizia-lhe assim:

- "Hás-de dizer à tua mãe que te arranje uma caixinha para meteres as lágrimas."

Estas coisitas não esquecem à gente. Uma vez, a lavar, já ela estava casada e eu também, disse-lhe assim:

- Ó Liége, e quando o professor te dizia para dizeres à tua mãe para te arranjar uma caixinha para meteres as lágrimas?

- "Pois! O ranhoso batia-me e não queria que eu chorasse." - dizia ela para mim.

"A História era só assim"

Uma vez, passou lá um à minha porta e nós dissemos-lhe assim:

- Quem foi o primeiro rei português?

Não sabia.

- Ai, já fizeste o exame da quarta classe e não sabes quem é o primeiro rei português? Olha, eu sei quem é o primeiro rei português, D. Afonso Henriques! O D. Afonso Henriques era filho do conde D. Henrique e de D. Teresa. Tinha apenas dois anos quando morreu o pai, ficando a sua educação entregue a Egas Moniz. Egas Moniz é que o educou. Quando chegou à idade de 18 anos, pediu à mãe as rédeas do governo. A mãe não as entregou e ele declarou-lhe guerra.

Quando era no meu tempo, a História era só assim, esta.

"Assinei o meu nome e ele pôs o dedo"

Eu já tinha saído da escola, já sabia ler. O meu pai tinha, naquele tempo, 20 contos lá nas mãos dele. Naquele tempo, 20 contos valia dinheiro. Hoje não é nada. Ele e eu fôramos a Arganil pôr os 20 contos lá na Caixa. Como eu já sabia ler, assinei o meu nome e ele pôs o dedo. Quem não sabe ler, põe o dedo. E deixou lá ficar os 20 contos.

Casamento "O homem mais gabado cá na Benfeita"

O meu marido era o homem mais gabado cá na Benfeita. Não havia cá outro como ele, religioso e tudo. Agora, encontra-se pouco daquilo.

O casamento foi em Outubro. Parece-me que foi em Outubro. Naquela altura, a gente não ia assim de luxo, daqueles luxos que agora há e assim. Nem era branco. Era assim uma coisa clara, um vestido claro, mas era até de cor, nem era branco. Naquela altura, cada uma levava aquilo que queria. O meu marido ia vestido de homem. Então, como é que ele havia de ir vestido? Era de mulher? Ia vestido de homem. Não levava uma roupa nova.



**Maria da Conceição, António (com quem viria a casar)
e um grupo de moradores da Benfeita, durante um
almoço na Cerdeira no Dia de Santo Amaro (1928)**

"Tinha a arte de sapateiro"

Ele tinha a arte de sapateiro. Trabalhava muito bem em calçado novo. Vinham cá uns caixeiros da Figueira, vinham de Coimbra, vinham de Oliveira do Hospital, vieram de Viseu, vinham destas terras todas cá trazer os cabedais.

"Ficou todo contente com as botas!"

Uma vez, um dali dos Pardieiros ia para Braga, quando era no tempo das camélias. Levou umas botas novas que ele lhe tinha feito. E lá em Braga disseram assim:

- "Onde é que você comprou essas botas?"

Diz ele:

- "Foi um sapateiro da minha terra - nem era da terra, mas pertencia - que mas fez."

Diz ele:

- "Ai, eu também gostava dumas botas como essas."

- "Então, se quiser, eu levo-lhe as medidas, que ele faz-lhe as botas e manda-lhas. Eu pago lá as botas e você paga-mas a mim."

- "Está bem!"

Ele lá tirou a medida, levou as medidas, o meu homem fez-lhe as botas e as botas ficaram-lhe bem. Nem estavam largas, nem estavam apertadas. Ficou todo contente com as botas!

"Até para Lisboa fez umas"

Até para Lisboa fez umas, para o senhor Gaspar. Quando foi lá a Lisboa, levou as botas calçadas e o compadre, quando o viu com aquelas botas, disse assim:

- "Ó compadre, você traz aí umas botas boas e bonitas. Onde é que você as arranjou?"

Ele disse-lhe assim:

- "Isto é um dos sapateiros da minha terra, da Benfeitá, é que faz estes calçados."

- "Oh! Então, você tem que lá dizer, que ele também tem que fazer lá um par desse calçado para mim."

"Era um homem muito sério"

Tive pena dum, que era um rapaz que andava a estudar para as Belas-Artes lá no Porto. Ele era Carlos. Usou sempre, sempre, sempre as botas que o meu marido fazia. Nunca usou outro calçado. Dizia assim:

- "Ó tio Nunes, você tem que me lá fazer dois pares de botas. Tem que lá fazer!"

Queria ficar sortido. Ele disse-lhe assim:

- "Ó Carlos, tenho muita pena... Foste sempre um freguês meu, usaste sempre as mesmas botas que eu fazia. Sempre, sempre" - e foi, nunca usou outro calçado senão aquele - "mas já nem tenho cabedais para nada. Já arrumei tudo."

Diz ele assim:

- "Olhe, mas eu comprava os cabedais e você fazia-me as botas."

Disse assim:

- "Ó filho, não pode ser... Eu para te fazer as botas, tenho que ir para a sapataria. E, se eu estou na sapataria à beira da rua, passam lá, vêem-me lá, vão lá e querem também. E se eu fosse a fazer só para ti e não fizesse para eles, começavam a dizer que eu que só queria trabalhar para os ricos e para os pobres que não queria. E depois vão lá e dizem: "Então, fazes para este e não fazes para mim?" E eu não quero. Não gosto destas coisas assim. Tenho muita pena, porque foste meu freguês sempre. Tenho muita pena, mas não pode ser, porque eu estou lá a trabalhar, passam lá e vêem-me."

Ele era um homem muito sério, coitadinho, não gostava de ofender ninguém e ficou-se assim.

Até lá para fora para a África chegou a ir daquele calçado dele. Não havia cá ninguém assim para trabalhar. Veio para aí um, que fazia uns chanatozitos e assim, mas quê? Bebia, embebedava-se, não dava nada. Não arranjava vida nenhuma. Depois, o meu marido tinha cataratas numa vista e abandonou. Já estava a trabalhar há 50 anos. Começou de pequenito nos chanatos. Já estava há muitos anos a trabalhar naquilo. Naquela altura, abandonou. Já nem mandou vir mais nada dos cabedais, nem nada.



Maria da Conceição no dia do casamento da neta Maria da Graça e Pedro (1979)

Ofício "*Trabalhava no campo*"

Eu trabalhava no campo. Tinha olivais, tinha cabras, tinha ovelhas, tinha galinhas, tinha porco... Tinha muitos animais e quintas com oliveiras. Tinha uma com um olival grande. É à beira da estrada. Só aquele olival dá azeite para uma

família comer. Pois dá. É verdade. Já lá temos tido aos cento e tal litros, só naquilo. E tenho em mais lados, mas já vendi um. Vendêramos um, chamam lá ao Santo. Havia lá um olival e ainda tinha umas poucas de oliveiras. Vendêramos a um estrangeiro, porque a minha Alda também já não pode. Eu, por mim, já não posso fazer nada, porque já não posso trabalhar. Não tenho já força. Tenho ainda assim uma memoriazita, isso tenho.

Naquele tempo, não havia dinheiro. Podia aparecer um aquém e além. Alguns iam para um lado, uns iam para a África, outros iam para outros sítios para vários lados e esses arranjavam dinheiro. Aqui nas nossas terras, andavam, às vezes, ao dia fora. Isso era para comer! Para arranjarem dinheiro, não.

Pessoas Doutor Urbano e poeta Simões Dias

"O maior amigo que eu cá tive na Benfeita"

Havia cá um doutor. Era o doutor Urbano. Andava a estudar, nessa altura. Formou-se em médico. Foi o maior amigo que eu cá tive na Benfeita. Era muito meu amigo. O meu marido ainda era primo dele. Ele gostava muito do meu marido, que o meu marido era muito bom homem. Chegou a dizer para mim:

- "Se tu casares com o António, eu baptizo-vos o primeiro filho que vocês tiverem. Mas se não casares com ele, escusas de cá vir ter comigo."

E dizia para ele:

- "Se te casares com fulana, baptizo-vos o primeiro filho que vocês tiverem. Se não te casares com ela, escusas de cá vir ter comigo."

Era muito meu amigo. A gente também trabalhava muito para ele. Fez muitos banquetes em casa dele. Formou-se uma sobrinha dele, doutora, também, médica. A formatura foi feita lá na casa do doutor Urbano. Tinha dinheiro. Ele é que fazia lá os banquetes. A mulher do irmão, que era a dona Clara, tinha uma menina. Chamavam-na Clarinha. O baptizado dela foi aqui feito na Benfeita, na igreja e o banquete foi feito em casa do doutor Urbano. Era tudo assim. A gente ia sempre àqueles banquetes todos. Eu, um dia, dei-lhe lá também um almoço e ele disse assim:

- "Olha, gostei do teu comer." - disse-me ele para mim - "Gostei do teu comer."

Gostou do almoço que eu lhe dei.

Ele estava no Eixo. Pertence a Aveiro. Um dia fui lá vê-lo com os sobrinhos dele, com a mulher e com a mãe. O Hermínio, o sobrinho, disse:

- "Ó prima dos Anjos, quer ir? Eu tenho o carro em rodagem. Vou ver o meu tio. Se você quiser ir, eu levo-a."

Eu fui. Quando me lá viu, coitadinho, ficou todo contente. Diz ele assim:

- "Olha, comadre, não calculas a alegria que me deste em me cá vir ver."
- disse ele para mim.

Gosto de rezar o terço todos os dias. E ofereço por as minhas almas todas. Mas nunca deixo a alma do doutor Urbano por nomear, porque ele foi muito, muito meu amigo.

"Simões Dias era poeta"

O doutor Simões Dias era poeta. Os de Arganil queriam que ele fosse filho de Arganil. Ele nasceu na Benfeita! Está lá a placa: "Poeta Simões Dias". Até há versos assim:

O centro da minha terra é a praça Simões Dias.

Logo a seguir está a rua Leonardo Matias.

Adeus ao Soito do Vale,

Adeus linda ramaria,

Adeus largo da Capela,

Adeus praça Simões Dias.

O Simões Dias tem lá placa e tem na casa aonde nasceu. Foi numa casa que agora está feita de novo.

Lugar *Do tempo dos mouros*

"Quando disseram "Bem feita", ficou o nome"

Aqui a Benfeita era Valverde. Mas não são coisas do meu tempo. Quando eu nasci, já estavam estas coisas cá feitas como estão agora. Nós temos cá a Capela de Santa Rita. É oitavada. Temos aí mais. Temos lá acima uma capela, uma igreja, temos a da Senhora da Assunção e temos o São Bartolomeu. Há muitas. E há na Dreia e há num lado e noutro. Mas oitavada só está aquela de Santa Rita. Foram os mouros que vieram fazer aquela capela. Não é bem do meu tempo. Eu nem conheço os mouros... Mas eles é que vieram lá fazer a capela. E no fim de a fazerem, disseram:

- "Bem feita!"

Quer dizer que estava bem feita. Disseram assim:

- "Bem feita!"

Não se encontrava nenhuma igual àquela e eles disseram:

- "Bem feita!"

Quando eles disseram "Bem feita", ficou o nome. Chamaram Benfeita e já não foram buscar o Valverde. E agora já ninguém tira este nome.

Terra linda e divinal

Por acaso há uma cantiga que é assim:

*É tão linda a minha terra,
Tão linda, tão divinal.
Ribeiras correm da serra
Vêm beijar-se ao Areal.*

Vêm-se beijar lá duas. Vem uma do lado do Espinho para baixo e outra vem do lado da mata. Chegam ali e juntam-se uma com a outra. Daí para baixo é só uma, mas até aí são duas. Ali é que se juntam e se beijam.

A Torre Salazar

Quando foi a Guerra Mundial, era o Hitler, que era da Alemanha. Queria ser Deus no Céu e ele na Terra. Ele já ia apanhar as nações. Se ele chega a apanhar a Rússia, o mundo era todo dele. Ele começou a apanhar as que estavam lá mais perto da terra dele e depois chegou à Rússia. Mas a Rússia tem a Sibéria muitos graus abaixo de zero. E os russos foram combater na Sibéria. São ali nascidos e criados, aguentam-se naquela friúra. Se forem lá ou que andem por lá perto ou assim, aguentam-se. Mas os soldados que foram, claro, iam doutros países mais quentes e tudo isso. Começaram todos a tombar para o lado, porque não se aguentavam naquele clima. Estavam a morrer. E o Hitler, quando viu que os soldados dele estavam todos a tombar para o lado, a morrer, teve que acabar com a guerra, teve que se ir embora. Nunca ninguém deu notícias do Hitler. Até se calhar o mataram. Se calhar. Mas isso não se sabe a certeza. Mas nunca mais ninguém falou no Hitler.

E adonde se soube primeiro que a guerra tinha acabado foi aqui na Benfeita. Aqui é que deram a notícia e que mandaram dizer para Lisboa que tinha acabado a guerra. Lisboa não sabia, nem Coimbra, nem Porto, nem nada. Foi a Benfeita.

Para a Benfeita é que veio a notícia. Quando acabou a guerra, uns doutores que havia ao tanque, que tinham muito conhecimento, fizeram um relógio monumental. Todos os anos, no dia 7 de Maio, ali às três horas da tarde, aquele relógio começa a dar as badaladas sem ninguém lhe mexer. A corda dele era para 1600 badaladas, mas havia de ter mais corda. Mas não puderam fazer a Torre mais alta, porque está lá acima já naquele alto e aquelas casas por baixo gritavam. Não queriam a Torre muito alta, porque tinham medo que algum dia ela caísse e arrasava aquilo tudo "pia baixo"⁴. E é verdade. Para aqueles que estavam por baixo, é sempre perigoso. Então, não altearam mais a torre. Se ficasse mais alta, tinha mais corda. Estava aí que tempos a dar horas.

Um dia, uns de Arganil até disseram assim:

- "Vocês têm aqui uma coisa como não há cá em todo o Portugal nem no mundo inteiro!"

Que é o tal relógio monumental! Foi aquele que anunciou o fim da Guerra Mundial.

"Não é importante, mas é de valor!"

Eu, uma vez, ia a descer as escadas "pia baixo"⁵ a chegar aí em baixo à rua e aparece-me lá uma senhora e um cavalheiro. Era homem e mulher com certeza. Diz ela assim:

- "Ó minha senhora, então, onde é a Torre de Salazar?"

Digo assim:

- Olhe, é aquela lá cima.

Diz ela assim, tal e qual, isto foi tal e qual:

- "Oh! E vem a gente de tão longe para ver assim uma coisa destas" - julgava que era uma coisa muito importante.

Digo assim:

- Olhe! Não é uma coisa importante, mas é uma coisa de valor! Foi aqui nesta torre, neste relógio que cá está, que quando acabou a guerra, ele começou a dar as badaladas. E nós soubéramos aqui na Benfeita e daqui mandáramos dizer para Lisboa que tinha acabado a guerra.

E eles ficaram calados...

⁴por aí abaixo

⁵por aí abaixo

*Ó gente, boa e amiga!
 Vem à Benfeita e verás!
 Junto à capelinha antiga
 Ouvir o sino da paz.
 Aquela torre altaneira
 Dedicada a Salazar.
 O raminho de oliveira
 Uma pombinha a voar.
 O 7 de Maio nunca o esquecerás!
 O sino escutai,
 Ele vos lembrará
 Que foi naquele dia
 Que por toda a terra
 Uma voz corria
 Acabou a guerra!
 Chorai de alegria!*

Uns arvoredos lindos

No Areal há uma carreira de árvores, que quando é em Agosto está tudo florido. Quando passa a festa da Senhora da Assunção, a procissão, é uma coisa linda, linda. Já uma vez um rapaz, que era sobrinho do doutor Urbano, filmou aquilo tudo. Fez aquilo num filme e até me chamou a casa dele para eu ir ver. Era uma coisa linda. Aquelas roseiras já estavam assim abertas, abertinhas com a flor. Então, ia a procissão a passar, era uma coisa mesmo bonita. Já cá vieram uma vez uns, que eram da Malveira, destes dos ranchos e assim. A gente também lá foi e eles também cá vieram. Gostaram muito cá da Benfeita e gostaram de ver os arvoredos, que era muito lindo, que estava isto cá muito bonito, muito bonito. Já até cá têm vindo pessoas e é a mesma coisa, também gostaram. Quando é no Verão, até vão comer almoços debaixo daquelas árvores no Areal, naquele largo que ali há. Já eu lá comi alguns também.

"Temos aqui tudo atacadinho de árvores"

Aqui há uns anos, eu estava lá além na sombra, no Areal, à beira da estrada. Há lá uns bancos e eu estava lá sentada, a descansar. Às vezes, iam lá ter pessoas

e sentavam-se ao pé de mim. Apareceu lá um ou dois "rapazotos". Disseram eles assim:

- "Ó minha senhora, então aqui é que é a Benfeitá?!"

- É.

- "É a sua terra?"

- É.

- "Ah, está bem..."

- E vocês, donde é que são?

- "Somos de Côja. Então, qual é a mais bonita? É Côja ou é a Benfeitá?"

Digo eu assim:

- *Olhe, para mim é a Benfeitá, porque é a minha terra! E para vocês é Côja. Côja é mais importante, porque é uma vila. E aqui é mais fraca, porque é uma aldeia. Mas a Benfeitá tem mais valor que vocês lá têm, porque temos aqui uns arvoredos - e temos, no Areal, até à Ponte Fundeira -, uma carreira de árvores, que qualquer dia está tudo cheio de verdura, todas verdes! Nós temos aqui tudo atacadinho de árvores que é uma coisa linda e vocês em Côja têm lá uma arvorezita que não presta para nada. No meio da praça, têm lá uma arvorezita que aquilo nem vale nada. E é a vila de Côja. E a gente aqui é uma aldeia, não é vila.*

Zé Augusto e Zé Maria

O tio Zé Augusto era um que dava remédios à gente. Já morreu, esse homem. Havia cá um Zé Maria, que também era como um médico. O que dissesse o médico, o Zé Maria já o tinha dito. Era entendido. Era atilado. Não era muito limpo. As ferramentas eram assim um bocadito enferrujadas. O outro lá além, o tio Zé Augusto, isso era tudo limpinho, tudo arranjadinho. Era muito asseado. Agora, o tio Zé Maria, qualquer coisa servia Era de qualquer maneira. Mas tinha sorte com os curativos.

"Por Deus, escapei"

Eu tive uma doença quando era pequenita, uma doença grande. A minha mãe levou-me lá, ao colo, ao tio Zé Maria. Ele disse assim:

- "Olhe, dê-lhe só leite e caldos. Mas dê-lhe mais leite do que caldos."

O leite, não provei. Escusavam de me dar leite que eu não o bebia. Só bebia os caldos. E ainda aqui estou. Matáramos sete cabeças, mas só bebia os caldos. A carne não ma davam que eu não podia comer e, por Deus, escapei. A minha

mãe levou-me lá também ao médico. Disse-me a mesma coisa que disse o Zé Maria. O Zé Maria disse:

- "Dê-lhe mais leite do que caldos."

E o médico disse assim:

- "Dê-lhe mais leite do que caldos."

Tudo igual!

"O Zé Maria não a mandou para o médico"

Uma vez, uma mulher caiu lá abaixo, chamamos lá ao Castelo. Caiu numas "barranceiras" "pia baixo"⁶. Se fosse agora, vinha logo uma ambulância para levar para o médico. O Zé Maria não a mandou para o médico. Levou-a para lá para a casa dele e tratou dela. Daí a pouco tempo a mulher estava sarada.

"Estava muito ruim para curar"

O Zé Maria tinha um criado, que lhe roubou pólvora. Ele tinha lá pólvora a vender. Iam minar pededas e fazer uns buracos para quando faziam as casas e precisavam daquelas pedreiras. Depois punha-lhe pó, punha-lhe fogo, aquilo rebentava e abria aquelas pedreiras. O ladrão do criado, rouba-lhe a pólvora e põe-a no bolso das calças. À noite, foi para uma debulha. Assentados no chão a malhar, malhavam com o milho entre as pernas com um pau pequeno assim, "truca", "truca", "truca". Claro, aquilo foi indo, foi indo, foi aquecendo e incendiou-se lume a ele, ao criado, ao rapazito. Estava lá um, que chamavam Joaquim Lavrador - nem era de cá, mas estava lá -, avassalou-o com uma manta, porque senão ele morria queimado. Como tinha a pólvora no bolso, ficou-lhe as virilhas queimadas. Ora, aquilo estava muito ruim para curar. Ele estava embrulhado num lençol branquinho, branquinho. Não o podiam vestir nem despir. Mas ele andou, andou, curou-se e pôs-se bom.

⁶ por aí abaixo

Costumes *Poemas e tradições*

"O dia da matança era uma festa"

O dia da matança era uma festa. Fazia-se bom comer. Tínhamos enchido e presunto. Depois, põe-se ao fumo quando se tiram da tina. A gente salga aquilo bem salgadinho, enterra-os no sal, está lá um tempo. Depois, a gente tira-o, lava-lhe aquele sal e põe a enxugar donde há lume e fumo a chegar. Quando estiver seco, já se arrecadam e depois, quando a gente quer, vai lá cortar. Uma vez, "insertaram-me" duas pás. Cada porco tem dois presuntos e duas pás.

A minha loja tem uma serventia "pia baixo"⁷. Aquilo era um quelho, todo em penedos. Há anos, cortaram aquilo tudo e fizeram escadas em pedra "pia baixo". Desce-se uma escada e outra e outra e outra até em baixo, até chegar perto da ponte.



Maria da Conceição, na praça da aldeia, (Benfeitá, 2007)

⁷por aí abaixo

Fazer o queijo

Tínhamos o leite das cabras e das ovelhas. O leite de cabra é muito gostoso, mas, para se coalhar, para fazer queijo, é bom ter uma pinga de ovelha. Coalha-se melhor e faz-se o queijo também maiorzinho. Depois, era numa panela vidrada, amarela por dentro. Era numa panela dessas. Mas se for numa de esmalte ou de alumínio, também se pode fazer. Eu agora já não faço. Já há muito tempo que não tenho gado nenhum. Não posso trabalhar. Já tenho muita idade.

Poemas populares

Eu sabia coisas. Já não sei com quem aprendi, já foi há muitos anos. Com certeza ainda era novita, porque não me lembro com quem aprendi.

*Que tens tu, ó soldadinho, que andas tão triste na guerra?
Ou te lembra pai ou mãe, ou a gente de tua terra.
Nem me lembra pai nem mãe nem gente da minha terra
Só me lembro uma amada, que era linda e donzela.
Se a quiseses ir ver, sete meses te darei,
Mas depois dos sete meses, soldadinho serve o rei.
Sem tal palavra ouvir, meu cavalo aparelhei.
À saída da cidade, o Demónio encontrei.
Para onde vais, ó soldadinho?
Por onde vais agora aqui?
Eu vou ver a minha amada, já há muito que a não vi.
Tua amada já é morta e é morta que eu bem a vi
E o traje que ela levava eu te explico a ti:
A saia era de seda, a coroa de marfim,
O caixão era tão lindo, que eu mais lindo nunca vi.
Seja o que Deus quiser, adiante sempre vou.
Lá no meio do caminho, meu cavalo se espantou.
Não te espantes, ó cavalo, não te espantes agora aqui.
Sou a amada do teu dono, algum tempo te servi.
Se tu és a minha amada, dá-me os beijos que eu te dei.
Os beijos que tu me deste não os tenho agora aqui.
Está-os a terra comendo para séculos sem fim.
Se te chegares a casar, vai casar a Bandolim
Com uma menina donzela, que se chame como a mim.*

*Se algum dia tiveres filhas, trá-las diante de ti
Para não se perderem por homens como eu me perdi por ti...*

É bonito ou não é bonito? Isto é bonito! Sei outra mais pequenita, que é assim:

*Existe uma capelinha
Toda de branco caiada,
Onde todos os dias reza
A minha mãe adorada.
Meu pai andava a caçar,
Trazia a arma carregada
E a mesma se disparou
Ferido no coração,
Abraçado ao fiel ao cão,
Banhado em sangue, expirou.
O cão em doce latido
A minha casa corria.
Minha mãe não entendia
Que o pobre cão lhe dizia:
- "O meu bom dono morreu..."*

O cão é que foi anunciar à dona. A ladrar, era como que ia a chorar.

E fiz uma cantiga a um acipreste. No outro dia, disseram que se estragou. Foi-se abaixo o acipreste. O que lá havia ao Pau era só aquele. Já tinha muitos anos, muitos anos. Eu, um dia, pus-me assim a pensar e fiz esta cantiguinha e a rima como ele era, que ele era assim:

*Acipreste verde e triste,
Cópia da minha figura.
Verde qual minha esperança,
Triste qual minha ventura*

Que o acipreste é ramalhudo, mas não é uma ramagem alegre. É uma ramagem escura. Tem muita rama. É como um pinheiro. O pinheiro tem pinhas e tem carumas, mas ali aquele não. Era macio, mas tinha aquela ramada grande, escura. Não era uma coisa clara. Como era a ramada escura, eu assim:

- Vou fazer uma cantiga ao acipreste.

E fiz a cantiga. E está bem!

"O Dia da Cobra é o Primeiro de Maio"

O Dia da Cobra é o Primeiro de Maio. Mas isso é verdadeiro! Os meus irmãos foram ao mato esse dia e depois apareceu uma cobra na cama. A minha mãe nunca mais mandou os filhos dela ao mato no Primeiro de Maio. Desde essa altura para cá, no Primeiro de Maio nunca trouxéramos nada para casa. Nada, nada, nada!

"Você hoje leva as cobras para casa!"

Mas um dia, nesse dia, vinha uma mulher - chamavam-na tia Cândida - ali à Ponte com um molhito de lenha. Umas pessoas a passar por ela disseram assim:

- "Ó tia Cândida, então você vai aí com o molho da lenha? Olhe que você hoje leva as cobras para casa!"

Diz ela assim:

- "Olha, as cobras têm-nas aquelas que não querem ir a ela!"

Ela a dizer aquilo, uma cobra pendurada por o molho abaixo.

"Salta de lá uma cobra para fora!"

Nos Pardieiros, havia lá uma, que era Alda. Ela foi e trouxe as couves para fazer o caldo. Naquele tempo, não falavam em sopa. Era caldo de couves. Chegou lá, pô-las dentro dum cesto na cozinha. Ainda lhe disseram no caminho:

- "Ó Alda, então levas hoje as couves para casa? Olha que hoje vão as cobras para casa!"

Diz ela assim:

- "Ah! Vão as cobras para casa. Vocês é que são umas boas cobras... Vão agora as cobras para casa."

Quando foi para tirar as couves, para fazer o caldo, salta de lá uma cobra para fora! Eles não a viram mais. Só a viram saltar, mas não a viram mais. O trabalho que eles tiveram. Tiveram que tirar o colchão da cama e desmanchá-lo todo para ver se ela estava metida para dentro do colchão. Tiveram um trabalhão. Desmancharam o colchão todo. Não havia lá nada. Não tinham lá nada. Mas a cobra saltou donde estava nas couves e não viram mais o sacana da cobra.

"Em cada molho encontrou uma cobra"

Havia aí um homem que mandou as filhas ao mato. E as filhas disseram assim:

- "Então, a gente hoje é que vai ao mato? Hoje vêm as cobras para casa..."

Mas o pai diz assim:

- "Não quero lá saber nem de cobras nem de meias cobras. Quero cá o mato!"

Cada uma foi buscar seu molho de mato. Quem estirou o mato ao gado foi ele. E, em cada molho que ele estirou, encontrou uma cobra.

Religião Comunhão e romarias

"Todos os anos à Senhora do Desterro"

Os meus pais iam todos os anos à Senhora do Desterro. É para cima de São Romão. A gente passava no Senhor das Almas. Primeiro, só ia a estrada até São Romão. Agora já vai à Senhora do Desterro, que já lá fui eu agora, mais tarde, cumprir uma promessa. Já é diferente. Já está lá a estrada nova, mesmo ao pé da igreja. Tem uma igreja e tem uma capela. Eu ia lá todos os anos. Os meus irmãos ficavam a tratar dos animais. Às vezes, ainda iam com a gente.

Noutros tempos, a gente ia para a Senhora das Preces. Agora, já lá há uma estrada nova. Naquele tempo, não havia. A gente todos os anos ia lá. Até arranjei uma cantiga assim:

*Gente do Vale da Maceira!
Julgais que "sendes" alguém?
Se não fosse a Mãe de Deus,
Não vos ia lá ninguém!*

Fiz eu esta cantiga!



**Maria da Conceição, acompanhada pela família,
durante um almoço na Senhora das Necessidades**

"Uma roupa bonita"

Ainda me lembra a roupa que levei quando comunguei a primeira vez. Era uma roupa em branco, mas um branco muito bonito. Sei que não era chita nem nada. Era um pano bom, uma coisa boa. Era aqueles panos que havia naquela altura, mas nem todos compravam aqueles panos bons. Os meus pais quando iam para me comprar uma roupa qualquer, compravam logo roupas boas. Tinha risquinhas verdes em cima do branco. Caía-lhe muito bem. O verde em cima do branco caía muito bem. A saia era também clarinha e tinha umas riscas encarnadas "pia baixo"⁸ em cima do branco. Tanto o verde parecia bem com o branco, como a saia com o encarnado. A saia também ficava bonita. Ainda

⁸por aí abaixo

não há muito tempo, encontrei uma da Dreia, que é a primeira povoação que se encontra aqui em baixo. Ela veio "pia cima"⁹comigo e diz-me assim:

- "Você, quando comungou, era a que lá ia mais asseada, mais bonita. Levava uma roupa muito bonita."

Digo assim:

- Pois ia! Eu tinha uma roupa bonita, tinha.

"Falta é vir o padre"

A casa do Centro foi feita para o padre. Não foi para o Centro. Era a casa do padre. Ainda esteve lá a viver. Depois, foi embora. Mais tarde, puseram-na toda para o Centro, mas o andar cimeiro está reservado para que se houvesse um padre, não diga assim:

- "A gente até ia para a freguesia da Benfeita, mas tinha lá um andar e venderam-no..."

Assim, já não podem dizer, porque está lá. Tem lá um andar, uma coisa formidável. Lindo e grande. Falta é vir o padre. Ainda este ano, vieram aí às confissões e eu disse a um - a gente até o chamava o Anjinho - que já cá esteve:

- Ó senhor padre, temos lá em cima um andar tão bom para um padre e não temos cá...

Diz ele assim:

- "Não os há, não os há... Há falta deles, há falta deles..."

Há falta deles... Eles também, tanto padres como médicos, querem é andar nas cidades. Às vezes, nas aldeias até estão bem. Veio para cá um padre, que quando chegou - a gente, a verdade, temos que a dizer - vinha muito pobrezinho, muito mal vestido. Até vinha assim com as calças um bocadito rotas. Vinha mal vestido. Trazia uma bicicletazita. Daí a poucos dias tinha uma "motora", daí a pouco tempo tinha um carro... Fizeram a casa, fizeram tudo e ele um dia disse na igreja:

- "Eu quando para cá vim, se dissesse que vocês hoje já gastaram tantos contos - nomeou uma conta grande de contos - se dissesse que tinham que dar este dinheiro para fazerem estas obras, vocês chamavam-me doido, diziam que eu que estava doido. Pois se eu vos disser que vocês, o povo, a gente toda, já deram este dinheiro..." - já eram não sei quantos contos, muitos contos e ele somava aquilo tudo.

Era um padre velhote e antigo.

⁹por aí acima